

EROS DOCEAMARGO  
(notas sobre a tradução de um  
fragmento da lírica de Safo)\*

**Joaquim Brasil Fontes**  
Unicamp

Sócrates diz que Eros é sofista, Safo (que ele é)  
*tecelão de mitos.*

Sócrates é perturbado por Fedro, enquanto o *co-  
ração de Safo é agitado por Eros, como o vento, na  
montanha, caindo sobre os carvalhos.*<sup>1</sup>

Essas palavras foram escritas por Maximus Tirius, curiosa personagem do século II d.C., que revive, hoje, como freqüentador das notas de rodapé dos grandes tratados de História da Literatura Grega. Professor de retórica, nascido na Síria, ele viajou muitas vezes para Roma, onde viveu, por algum tempo, sob o reinado de Cômodo. Escreveu 41 dissertações, quatro das quais consagradas ao estudo da erótica socrática. Uma dessas quatro estabelece curiosos paralelos entre Sócrates e Safo, como o que citei acima.

O texto encerra, em sua extrema economia, alguns problemas interessantes. Titius não transcreveu fielmente as palavras de Safo; parafrazeou, talvez com liberdade. Lobel, tentando restaurar os versos originais, produziu a lição geralmente aceita pelos editores modernos da lírica grega. Em inglês, o texto ficou assim:

*Love shook my heart, like a wind falling on mountain-  
trees.*

Ao leitor acostumado a freqüentar os antigos, o fragmento provoca imediatamente a lembrança de alguns momentos da *Iliada*. No Canto XII, 138 e ss., Leonteu e Polipoetes são comparados aos carvalhos das montanhas: o rosto levantado para o alto, suportam o passar dos dias, debaixo dos ventos e das chuvas, com as fortes raízes mergulhadas na terra. Em XVII, 53 e ss., Menelau defende o corpo de Pátroclo no meio de um combate feroz; invocando Zeus pai, atira-se contra o inimigo. Sua lança atinge o pescoço de Euforbo; atravessado pelo bronze, o guerreiro cai com estrondo sobre a terra. E suas armas ressoam longamente.

Nesse momento de extrema tensão narrativa, o texto faz uma pausa; um corte no espaço e no tempo projeta o leitor para um mundo distante: *algumas vezes — canta o aedo — um homem alimenta uma oliveira magnífica, num lugar solitário. Ela cresce, cheia de seiva, vibrando debaixo dos ventos e cobre-se de brancas flores. De repente, cai sobre ela uma ventania que, arrancando do chão suas raízes, a derruba por terra...*

Parece que perdemos Menelau e Euforbo, devorados por um discurso estranho, que invadiu os acontecimentos do primeiro plano; quando julgamos que a coerência do texto está ameaçada, essa pequena narrativa transforma-se num maravilhoso símile, ao encontrar, através do fluxo das palavras, seu contexto, no interior do poema:

*eis como aparece diante de nós, nesse instante, o filho de Panthoos, Euforbo da boa lança...<sup>2</sup>*

Em Safo, a violência do ataque, a força e a inteireza do agredido foram transpostas, do registro épico, para a descrição de uma experiência espiritual; pode ser que resida aí, como pretende Fränkel, a grande novidade dos versos. Contudo, Maximus Tirius, ao citá-los, pensou em outro tipo de intertexto, evocando uma passagem do *Fedro* (obra, não é necessário dizer, muito posterior ao século em que viveu Safo), onde acontece a abordagem dos quatro tipos de delírios inspirados pelos deuses. Figura entre eles, como se sabe, a *mania* amorosa.

Sócrates contempla seu jovem amigo mergulhado na leitura de um discurso de Lísias. O rapaz parece *iluminado*, e o filósofo exclama: “na convicção de que sabes mais sobre esses

assuntos que eu, eu te seguia, e te seguindo, *entrei contigo no delírio coribântico*". Maximus Tiriús, ao que parece, pretendeu estabelecer uma correspondência entre o verbo *ek-bakkhéo*, empregado por Platão ("entrar em delírio coribântico", de onde, geralmente, "perturbar") e o *tináссо* dos versos sáficos, que os franceses traduzem por "ébranler par des secousses". Agitar. Sacudir. Na *Iliada* (XX,57), o verbo *tináссо* significa o estremecimento da terra diante da violência do oceano.

É difícil explicar aquelas palavras de Sócrates, no *Fedro*: o contexto indica, em primeiro lugar, que o filósofo *dramatiza* o jogo das atrações eróticas (o rapaz é *iluminado* pelas palavras de Lísias; na seqüência, Sócrates será "iluminado" por Fedro). Há que considerar o tom de ironia, muito bem percebido pelo interlocutor em sua réplica. Não sei se Maximus Tiriús levou em conta essas sutilezas; tenho a impressão de que se apodera do léxico filosófico no intuito de passar sua lição de retórica. Convida-nos, assim, a ver o Amor no processo de espiritualização em que foi inscrito por toda uma tradição de pensamento: o impulso sexual provocado pelos belos corpos é apenas um momento, o mais desprezível, no processo de ascensão da alma em busca das idéias perfeitas. As *Dissertationes* desenham uma figura exemplar: *o confronto do filósofo e do poeta*, à luz de um platonismo simplificador.

Palavras um pouco duras, talvez, mas que precisavam ser ditas: a fim de compreender o fragmento de Safo sobre Eros precisamos apagar o contexto retórico onde foi encontrado. Ou esquecê-lo, provisoriamente. Deixando de lado Maximus Tiriús e suas comparações escolares, somos relançados ao universo de Homero? Talvez: ali ouviremos, num primeiro momento, o fragor do guerreiro e das armas tombando sobre a terra. Para que surja, do interior dessa poderosa imagem épica, um amoroso, parte integrante da *physis*: atravessado, no coração de seu próprio ser, pela força que engendra as coisas.

Os versos talvez pudessem ficar assim:

Eros

*me trespassa e agita, como o vento  
que, na montanha, desaba  
sobre os carvalhos,*

numa releitura problemática: ao evitar traduzir por *coração* ou *espírito* uma palavra grega do texto, usei, distraído, a forma pronominal; reduzida, obliquamente, à condição de *mim*.

Os versos — ou sua paráfrase — dizem, na força da linguagem, a inteireza do ser; e a eficiência do símile repousa no sentido primitivo de um termo que os modernos traduzem por *heart*, por *esprit* ou por *alma*. Em grego, Eros cai sobre o corpoespírito e cria, atravessando o *phrénes*, um maravilhoso instantâneo: a criatura pulsando com (no) âmago da natureza.

Na geração seguinte a Safo, Anacreonte vai comparar o amor a um ferreiro mergulhando o amoroso, sucessivamente, no fogo e no gelo — imagem impressionante; que procede, entretanto, do universo da *techné*, e que pode ser assim parafraseada:

*Eros, como um ferreiro, bateu-me com seu pesado  
martelo e mergulhou-me na correnteza gelada.*

Quando Safo de Lesbos recorre a esse tipo de símile, o universo da cultura e o *homo faber* transformam-se de modo radical, como se tivessem sido tocados por uma força que os envolve e devora:

*de novo, Eros  
que nos quebranta os corpos me arrebatá,  
doceamargo, invencível serpente  
(...)  
quando pensas em mim,  
sinto que já não me queres e para os braços  
de Andromeda voas*

Os dois fragmentos aparecem no *Livro dos Metros*, de Héféstion (7.7), como exemplos de tetrâmetros dactílicos acataléticos. Talvez devam ser lidos em seqüência, mas isso não pode ser deduzido do contexto onde foram citados.

O epíteto *lysimelés* é tradicionalmente atribuído a Eros; nós já o encontramos na *Teogonia*, 120: “o que solta”, “entorpece”, “enfraquece” os membros do corpo. Na *Odisséia*, essa palavra é usada para designar o sono caindo com doçura sobre Ulisses, depois do reencontro, dos gestos de amor e das palavras trocadas com Penélope (Canto XXIII, 343). Mas o Amor é

também, em Safo, *glykypikron*, *doceamargo*. Expressão confirmada pelo testemunho de Maximus Tirius: "Diotima diz que Eros floresce na riqueza e morre na pobreza; unindo as duas idéias, Safo diz que o amor é

*doceamargo*

e

*doador de sofrimentos*".<sup>3</sup>

Era comum, na lírica arcaica, apresentar o Amor em contexto de oposições: quente e frio, bom e mau. Ele é assim em Teógnis; é assim, também, nos versos de Anacreonte: o ferreiro batendo o apaixonado e mergulhando-o, depois, na água gelada. Mas Safo de Lesbos conseguiu reunir os contrários e mantê-los suspensos no mesmo ato, e os antigos devem ter sentido a estranheza do epíteto: ele só voltará a ser usado no período helenístico. Igual a Heráclito, o Poeta encontrará, na tessitura do mundo, um equilíbrio tenso, que os homens geralmente não percebem: eles não compreendem como o que está em desacordo concorda consigo mesmo: há uma conexão de tensões opostas, como no caso do arco e da lira.<sup>4</sup>

*Doceamargo*, Eros que nos quebranta os corpos é uma criatura invencível: *amákhanon*. André Bonnard e Bowra<sup>5</sup>, analisando os versos citados por Maximus Tirius, concordam quanto à significação dessa palavra: aquilo contra o que nada podem as máquinas, a *techné* construtora de armas. "Sente-se palpitar, no grego, a impotência do *homo faber* para reduzir essa força indomável": ela não pode cair nas armadilhas, nas ciladas dos homens. A maioria das traduções, contudo, prefere continuar inscrevendo os versos de Safo numa rotina que os neutraliza. Théodore Reinach:

*Voici que de nouveau Eros, briseur  
de membres, me tormente, Eros, amer et doux,  
créature invincible...*<sup>6</sup>

*Créature*. Mas Safo utilizou, nesta passagem, uma palavra intencionalmente vaga: *órpeton*. Significando, no mundo grego, os seres que rastejam: um réptil (Eurípedes, *Andrômaca*, 269); um animal, por oposição ao homem (*Odisséia*, IV, 418); o mons-

tro aprisionado pelos deuses no Etna (Píndaro, *I Pítica*, 25). O fragmento nos diz, portanto, mais ou menos o seguinte: *Eros, monstro que rasteja e não cai nas armadilhas dos homens.*

*Eros me tourmente*, transcreve Reinach, procurando dar conta de um verbo que significa “agitar”, “pôr em movimento”: referindo-se, por exemplo, aos carros de guerra, lançados nos combates; ao vento sobre as nuvens; ao chicote que faz fugir. A tradução deveria evitar, portanto, a neutralidade, lendo nos versos a força cuja violência caiu, no texto citado por Maximus Tirus, sobre o amoroso e as árvores, no seio da natureza transtornada:

*Eros que nos quebranta os corpos  
me arrebatá,*

*invencível serpente, indestrutível criatura que rasteja!* A essas palavras, segue-se, na citação de Heféstion, um dístico iniciado com o nome de Átthis, uma das moças do grupo do Poeta:

*Átthis: quando pensas em mim, sinto que já  
não me queres,  
e para os braços de Andromeda voas.*

Na primeira parte do fragmento, a pessoa que diz “eu” foi possuída por uma força monstruosa: o Amor. Como um pequeno pássaro, a outra mulher tenta escapar do animal que rasteja — *voando*: é o que se lê na última palavra do texto grego — *pótai*, de uma forma verbal (*pétomai*) utilizada, em grego, para referir-se a insetos com asas ou a pássaros. A palavra final do primeiro dístico é *órpeton* (*criatura rastejante*): duas pequenas notas, dois acordes em momentos estratégicos, e os versos mergulham na *physis*.

## Notas

- \* Tradução publicada pela Editora NOA-NOA em Santa Catarina, em —/—/—.
- 1 Maximus Tirus, *Dissertationes*, XVIII.
- 2 Seria talvez supérfluo dizer que não se trata de tradução, mas de livre paráfrase dos versos de Homero.
- 3 Tirus, loc.cit.
- 4 Heráclito, fr.51, in *Hipólito*, Ref., IX, 9, 1.

- 5 André Bonnard, *A Civilização Grega*, São Paulo, Martins Fontes, 1980, p.89. C.M. Bowra, *Greek Lyric and Poetry, from Alcman to Simonides*, Oxford, At the Clarendon Press, 1961, p. 184.
- 6 Th. Reinach, *Alcée/Sapho*, Paris, Les Belles Lettres, 1937, p. 269.